



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ADEMIR GEBARA

(depoimento)

2016

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E- 741

Entrevistada: Ademir Gebara

Nascimento: 29/09/1946

Local da entrevista: Unicamp – Campinas (SP)

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 10/11/2016

Transcrição: Suellen dos Santos Ramos

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Suellen Ramos e Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner.

Total de gravação: 62 minutos e 12 segundos

Páginas Digitadas: 18 páginas

Observações:

O entrevistado realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Christiane Garcia Macedo intitulada *Centros de Memória da Educação Física e dos Esportes nas Universidades Federais*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Palavras iniciais; Escola secundária; Trabalho com a família; Entrada nos cursos de História e Educação Física; Trabalho no Colégio secundário em Vinhedo como professor de Educação Física; Mestrado; Trabalho na Universidade Estadual de Campinas no curso de História; Prisão pela ditadura militar; Doutorado; Transferência para a Faculdade de Educação Física; Início do Grupo de Estudos; Dificuldades para se formar um grupo de História dentro da Educação Física; outros pesquisadores pelo Brasil; Orientações; Disciplinas na graduação; Eventos; Cultura da Escrita; Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física; Lugares de Memória e Centros de Memória; Palavras Finais.

Campinas, 10 de novembro de 2016. Entrevista com Ademir Gebara a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Professor, em primeiro lugar: muitíssimo obrigada, é uma honra poder te entrevistar e poder falar um pouco sobre essa área que é tão importante para gente. E eu queria que você começasse contando como você se envolveu com a Educação Física e com a pesquisa histórica na área.

A.G. – Primeiro é um prazer poder participar desse projeto de vocês de alguma maneira e sempre alertar que esses depoimentos, a meu juízo e como historiador profissional, eles têm muito valor, porque vocês têm que tentar ser o mais espontâneo possível e correr o risco de emitir suas opiniões, explicitar a construção que você faz do passado através da sua memória. Então é lógico, tudo que eu disser eu sei que será confrontado com outras fontes e estou tranqüilo em relação a isso. Então vamos pelo início. Eu terminei a escola secundária, eu morava em uma cidade pequena aqui perto de Campinas¹ na divisa com Minas Gerais, chamada São João da Boa Vista. Relativamente pequena, na época ela tinha cerca de trinta mil habitantes, Campinas já era uma cidade de duzentos e cinquenta mil habitantes. Isso ocorreu na década de 1960, que eu terminei o segundo grau. E o local onde tinha faculdade mais próxima era Campinas ou ir para São Paulo. Depois de um ano atribulado, por questões financeiras, de família e tal, eu acabei arrumando emprego em um banco, parei de estudar um ano e vim para Campinas, era mais fácil viver em Campinas do que em São Paulo, isso até hoje não é? Até hoje não sendo em Barão Geraldo², porque Barão Gerado é muito caro. Então chegando aqui eu prestei vestibular na PUC³ em História e meu pai, minha família, na medida em que eu estava aqui se mudou para cá, e digamos, para recuperar as perdas que eles haviam tido no interior. Eu já estava empregado, tinha um tio meu aqui que, de uma certa maneira, ajudava nessa transição familiar. Eu ajudava meu pai em um empório, estudava de manhã na PUC, a tarde ajudava o meu pai e a noite eu tinha livre, eu ficava lendo, eu gostava muito de ler, sempre, minha vida sempre foi muito ligada à leitura. Terminado o primeiro ano, abriu uma Faculdade de

¹ Município do estado de São Paulo.

² Bairro de Campinas.

³ Pontifícia Universidade Católica.

Educação Física em Campinas, acho que foi a quarta ou quinta Faculdade de Educação Física do estado de São Paulo, e eu tinha uma irmã que era uma excepcional atleta, inclusive em Campinas, quando a gente mudou ... Ela era da seleção municipal de voleibol, handebol, basquetebol, ela era excepcional atleta. Foi nadadora de uma equipe campeã paulista quando a gente morava em São João. E ela me pediu para dar uma ajuda para fazer o vestibular em Educação Física, naquela época tinha exame prático. O exame prático nem para ela, nem para mim era o problema, porque eu também era muito atlético. Só para você ter uma idéia, eu saltava de altura a minha altura. Eu tenho um metro e sessenta e oito e eu saltava um e setenta, no rolo, naquela época não tinha essas técnicas... O mais atualizado era o rolo. Aí eu auxiliei ela e acabei fazendo o vestibular junto, porque o curso era a noite. Aconteceu uma coisa muito interessante, naquela época para você pegar aula você se inscrevia nos colégios. O namorado da minha irmã, que é meu cunhado hoje, a irmã dele também estava se formando em geografia, algo desse tipo, ou fazendo curso de geografia. Ele pegou uma procuração da irmã, da minha irmã e minha, e saiu inscrevendo a gente em todos os colégios da região. E no meu caso ele me inscrevia em história e educação física. E eu acabei já antes de começar o primeiro ano, arrumando aula de educação física no colégio secundário, que naquela época não pagava mal, colégio do estado aqui em Vinhedo⁴. E eu já estava, então no segundo ano de história, no primeiro de educação física, só que naquela época a Educação Física era três anos o curso, então eu... Primeiro, eu dando aula, eu diminuía a carga de trabalho no empório que é... O meu pai era uma pessoa fantástica, mas você trabalhar para o pai, por mais fantástico que seja, é um pouco de escravidão [risos]. Escravidão, eu diria, não no sentido que ele te faz escravo, você se faz escravo, porque você está trabalhando para família, para ajudar a família, essas coisas todas. Então na verdade em um primeiro momento foi isso, mas eu me envolvi muito com esse colégio. Você imagina que como professor secundário, de um colégio do estado, de uma cidade naquele momento pequena, não é como Vinhedo hoje. Eu consegui construir no colégio uma quadra coberta, não fui eu... Mas eu fui um dos motores do processo. Disputava campeonato paulista de basquetebol juvenil com o time do colégio, essas loucuras que só o entusiasmo faz. E eu nunca deixei de ler e história era um curso que eu adorava, eu estranhava a Educação Física. No curso inteiro de Educação Física, graduação,

⁴ Município do estado de São Paulo.

teve um único livro indicado para ler, que foi um professor que indicou o livro do Dewey⁵, “Vida e Educação”. Um livro de oitenta páginas. Para quem faz História, ler oitenta páginas é trivial. Mas em um segundo momento, dois anos depois, eu estava terminando História e terminando Educação Física e tinha um mestrado na Escola de Sociologia Política, a USP⁶ estava fechada, e comecei me preparar. Eu sempre quis estudar, tinha um colega e a gente disse “vamos lá na Sociologia Política, ver como é para entrar”. A Escola de Sociologia Política de São Paulo ela é muito conceituada, ela foi um centro de elaboração de pensamentos sociológico, econômico muito significativo. Então nós começamos o mestrado na Sociologia Política, eu e esse amigo, ele também era professor, a gente ia cada semana com o carro de um. Porque naquela época só tinha a Anhanguera, a Rodovia Anhanguera, eles estavam fazendo a terceira pista da Anhanguera na subida, era um terror, mas era um terror relativo, porque nós estamos falando dos anos 1970, 1975. Um ano lá fazendo curso e tal, aprendendo a pesquisar, conhecendo pesquisadores interessantes que freqüentavam seminários. Então abriu na USP História. Eu continuava dando aula, preferencialmente de educação física, porque eu percebi rapidamente que a aula de educação física, primeiro te dá um ambiente mais alegre com os alunos, eu trabalhava muito forte. Nessa época o meu pai já havia melhorado, ele tinha uma dessas kombis⁷, então eu usava a kombi do empório no final de semana para levar meu time para jogar para cá, para lá. A professora me pediu para treinar o time feminino também, eu era muito bom em basquete, apesar da minha altura eu fui um jogador de bom nível de basquete amador. Bom nível não é hoje, naquela época não existia sequer... Digamos que se tinha um semi profissionalismo. Alguns jogadores recebiam outros não. E com isso eu percebi rapidamente que dar aula de educação física era muito mais fácil, e o profissional de Educação Física pode não gostar de ouvir, mas é o seguinte, primeiro você trabalhando sério você tem uma grande influência no colégio, quer dizer, eu resolvia todos os problemas de disciplina do colégio. Então isso me dava uma mobilidade, compensar aula, dava aula até sábado para poder fazer mestrado, que era entre aspas, essas “besteiras brasileiras que tudo regulamentadinho”, proibido dar aula sábado, tenha paciência! Então... Ou domingo, que também tinha aula domingo às vezes. Eu percebi que se eu fosse dar aula de história no secundário... Aliás eu tinha... Bom, depois eu conto, continuo aí para você

⁵ John Dewey.

⁶ Universidade de São Paulo.

⁷ Carro utilitário.

entender. Se eu fosse dar aula de história no secundário eu gastaria muito tempo, porque você tem que preparar prova, corrigir prova, dar trabalho para os alunos. Eu sabia que o grande problema da escola era ensinar a ler, no fundo no fundo, o sujeito que sabe ler, ele se educa, e saber ler não é tão fácil, como você identifica o texto, o tipo de problema que está sendo tratado, o raciocínio está sendo encaminhado de maneira, vamos dizer assim, equilibrada, razoável. E isso dá muito trabalho, muito trabalho. Então eu falei “eu vou dar aula de Educação Física, porque primeiro eu já tenho um substrato no colégio e a Educação Física não me ocupa esse tempo”. E eu me beneficieei até mesmo do papel secundário que a Educação Física tem no ensino secundário, no ensino de primeiro e segundo grau, tinha, deve ter ainda. É o seguinte, na época de exames, de provas chegavam para os professores, para nós, “olha os alunos precisam de tempo, para as aulas antes do exame final”. Para mim era fundamental ter esse tempo disponível. Então entrei na USP, para a primeira turma de história, do mestrado. Entrei em um grupo sofisticado, orientado pelo Carlos Guilherme Mota⁸, e fiz um mestrado sobre a história de Campinas, e esse meu grupo foi convidado para vir para UNICAMP⁹ abrir o curso de história aqui. Quando eu terminei o mestrado, aconteceu uma coisa muito interessante, eu continuava dando aula de Educação Física, eu fiz a primeira tese acadêmica sobre Campinas. E aí o pessoal da UNICAMP tinha uma certa restrição dos historiadores da cidade, porque não havia ninguém “dos nossos” eles falavam. Eu virei um “dos nossos” deles, porque eu era daqui, fiz minha graduação aqui, fiz uma tese sobre Campinas e eu era desse grupo que veio para cá. Então me convidar para entrar na UNICAMP foi *vupt-vapt*, porque eles resolviam um problema de tensão com os historiadores locais e punham alguém que eles conheciam. Eu tinha sido instrutor voluntário na USP enquanto fazia mestrado, trabalhei com eles, o Ítalo Tronca, a Estela Bressiani¹⁰, a Déa Fenelon¹¹, que já era doutora, mas ela trabalhava lá como voluntária na USP também, Adalberto Marson, um grupo muito bom de historiadores, Edgar DeDecca. Então eu fui convidado e vim, mas eu era tão ligado ao meu trabalho de Educação Física, ao meu colégio estadual de Vinhedo, que eu não quis vir em tempo integral para continuar com as aulas de Educação Física, foi uma loucura, porque no primeiro mês eu pirei. Agosto foi quando eu comecei, não dava, era incompatível você

⁸ Carlos Guilherme Santos Serôa da Mota.

⁹ Universidade de Campinas.

¹⁰ Maria Estela Bressiani.

¹¹ Déa Fenelon Ribeiro.

trabalhar em um Departamento de História de um Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP com tudo que isso representa, que eu não imaginava que era um mundo tão, vamos dizer assim, envolvente. E dar aula de Educação Física no secundário. Percebe? Então depois de passar tempo integral, pedir demissão, houve um episódio muito interessante, eu era militante clandestino do partidão, eu fui preso, fui para o DOI-CODI¹², passei quinze dias lá em que a tortura era a maneira mais delicada de estabelecer uma conversação. Depois passei quinze dias no DOPS¹³, aí processado pela lei de segurança nacional, eu fui demitido. Mas eu fiquei um mês demitido, quando eu saí houve uma movimentação, o clima já estava melhorando, aí o Zeferino Vaz... Inclusive eu fui o primeiro preso político que teve a incomunicabilidade quebrada, pois Zeferino Vaz foi me visitar quando eu ainda estava no DOI-CODI, na Rua Tutóia que era um centro de tortura. Aí me levaram para o comando, segundo o exercito, onde o Zeferino... Eu estava todo amassado, visivelmente enrolado [risos]. Foi um diálogo surreal [risos], mas assim, tudo bem. Foi importante para todo mundo que estava preso, porque você fica antenadíssimo e quando ocorre um episódio de quebra da incomunicabilidade... porque pela lei de segurança nacional, o estado tinha um mês, se não me falha a memória, um mês para comunicar que você estava preso, porque ele se torna responsável por vocês. Então o que aconteceu? Depois desse mês que eu fui readmitido, eu voltei para o IFCH¹⁴ para dar aula, mas evidentemente eu estava psicologicamente meio balançado. Eu tive uma certa sorte, nas pancadas lá e consegui não abrir o jogo, não falar muita coisa, consegui segurar a onda. Os colegas daqui falaram “olha, a melhor coisa que você faz é sair para fazer o doutorado, porque se te pegarem de novo, aí é fogo, porque se eles pegarem...”. Aí eu precisaria explicar como é o esquema de tortura, de análises das falas, do cruzamento de dados, mas quem vai para segunda a coisa é muito complicada, porque os caras “o senhor falou isso?”, sabe? Eu acho que eles te levam para segunda rodada, porque tem um conjunto de informações que você não sabe quais são. Então eu comecei a visualizar com mais ênfase a ideia de fazer o doutorado no exterior. Eu fui para LSE, *London School of Economics and Political Science*, na Universidade de Londres. Fiquei quase quatro anos lá para fazer meu doutorado, aí sim eu me tornei um historiador mais elaborado, porque até o mestrado, embora eu goste muito do meu mestrado e ele é muito referenciado até hoje, eu ainda não

¹² Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna.

¹³ Departamento de Ordem Política e Social.

¹⁴ Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

era um historiador maduro, embora tenha participado de um grupo maduro. Porque imagina que eu fiz tudo isso dando quarenta e quatro aulas no secundário. Eu não queria bolsa, porque eu era casado, eu dava aula de história no secundário e em cursinho de preparação para o vestibular. Fazia mestrado na USP. Quer dizer, eu não tinha a dedicação necessária para ser um historiador efetivo, eu estava em transição ainda. No doutorado, de repente eu tenho todo o tempo do mundo, as melhores bibliotecas do mundo, ao lado dos melhores historiadores do mundo, da melhor tradição histórica do mundo. Para ter ideia, o historiador, o titular do *Birbeck College*, era o Eric Hobsbawm¹⁵, que eu encontrava na rua. Naquele momento havia um historiador inglês, o Thompson. Não o Thompson¹⁶ da História Oral. E.P. Thompson¹⁷, *The Making Of The English Working Class*, era um grande livro dele. E o debate estava muito intenso na Europa porque, por exemplo, era a segunda onda de derroca, derrubada da ortodoxia Marxista. Eu ainda era meio ortodoxo, imagina que eu fui, quando estava lá, como estava fazendo PhD¹⁸ eu fui para Moscou para ver o primeiro de maio. Que é uma viagem mais barata também, tinha isso. Comprei a coleção completa do Lenin¹⁹ em Moscou. Era subsidiado, custava um dólar cada livro. Eu tenho até hoje. Comprei quarenta e poucos exemplares, até os telegramas do Lenin tem. Livro de papel de ceda, encadernado. Eu era muito, digamos assim, o que eu vejo hoje, ou posso dizer, que eu era muito fanático. E para quebrar isso... embora no meu mestrado eu não tenha... Isso não tenha influenciado tanto o texto. Porque o texto foi marcado muito mais por pesquisa empírica e não por conclusões generalizantes típicas da abordagem marxista, que o debate era muito intenso. Porque a minha geração entrou para a história, entrou para os cursos de história, não para a história [risos], aqui no Brasil, no fundo para discutir a questão da Revolução Socialista. A gente queria descobrir onde estava a Revolução Burguesa que a outra etapa seria... Todos nós éramos afissurados por isso, foi o grande tema de todos os estudantes de história que fizeram pós-graduação na minha geração. Bom, então eu vou para Inglaterra e quatro anos a cabeça muda, você... A referência forte no meu trabalho era o Gramsci²⁰, já era um marxismo mais, digamos assim, mais cor-de-rosa, não tão vermelho [risos]. Voltei e quando voltei... Eu fui um pouco amargurado,

¹⁵ Eric John Ernest Hobsbawm.

¹⁶ Paul Thompson.

¹⁷ Edward Palmer Thompson.

¹⁸ Doutorado.

¹⁹ Vladimir Ilyich Ulyanov.

²⁰ Antonio Gramsci.

porque o Departamento de História cortou meu tempo integral, que eles julgaram que era um privilégio eu ir fazer no exterior. E aí foi muito difícil. Então eu voltei, eu estava meio, não estava bem lá. Aí eu vim, tinha uma moto, vinha vindo para cá para dar aula, um cara me fecha, era um colega que tinha feito graduação em Educação Física comigo, o Tojal²¹. “Para, para, para. Escuta, nós estamos abrindo a Faculdade de Educação Física, abrimos já, está no primeiro ano funcionando, precisamos de alguém que tenha doutorado, porque ninguém tem doutorado em Educação Física e nós queremos pesquisar e fazer...”, aquela conversa. Eu falei “olha, é uma loucura”, meu doutorado foi publicado pela Civilização Brasileira, estava fazendo cem anos de abolição, meu tema foi a transição do trabalho escravo para o trabalho livre. Eu fui convidado, participei de um *pool* nacional, fazendo conferências no Sul e Sudeste do Brasil inteiro sobre o meu doutorado, eu estava assim em ascensão, de repente eu mudo para a Educação Física. Então assim fica fácil de você entender, eu era um historiador, agora, irreversivelmente um historiador e sempre tive muita paixão pelo esporte, história e esporte, história e lazer, história e educação física. Entende? Então eu chego aqui, minha tarefa era montar a pós-graduação. O primeiro passo foi montar um curso de especialização: “Teoria e Métodos de Pesquisa em Educação Física”. Era um professor de fisiologia da medicina de Ribeirão Preto, o Gallo²². Uma colega aqui de anatomia, Antonia Dalla Pria Bankoff, a Toninha, e eu na área de humanas. Pegamos um professor da física, o René Brenzikofer, da física. Então um trabalhava com a faixa da fisiologia, outro com a biomecânica, a outra com as questões de anatomia e eu com aquilo que você poderia chamar com a temática sócio-educativa. Com esse curso eu comecei a montar um grupo e eu percebi claramente que não é possível montar um grupo só de história, embora a veia central fosse história, ele tinha que ser, nesse primeiro momento, um grupo que trabalhasse na faixa de ciências sociais e educação física, esporte e lazer. E a grande questão é justamente você... E foi o que eu acho que tornou esse grupo muito bom, muito forte, primeiro a qualidade deles como estudantes, nenhum deles é muito fraco, nenhum deles é mais ou menos, todos são muito fortes. Não apenas na área acadêmica, como também na área administrativa e política. O Pilatti²³, por exemplo, hoje é reitor da Universidade Federal Tecnológica do Paraná. O Fernando²⁴ provavelmente mês

²¹ João Batista Andreotti Gomes Tojal.

²² Lourenço Gallo Júnior.

²³ Luiz Alberto Pilatti.

²⁴ Fernando Marinho Mezzadri.

que vem tenha um cargo bem significativo na Federal do Paraná, o grupo dele ganhou a eleição mês passado. O Edilson²⁵ é Pró-reitor pela segunda, terceira vez da Federal de Pernambuco, foi candidato a reitor e teve 33% dos votos. Em suma se pegar... A Dagmar²⁶ foi Pró-reitora na Unesp²⁷ em Bauru²⁸. Em suma, era um grupo de muita vitalidade acadêmica e política, não partidária. Quer dizer, lógico que eles tinham partido, mas no grupo a única coisa que era vetada era o seguinte: “não existe exclusão de ninguém”. Eu tinha muita tolerância com o fanatismo político ideológico, e tenho até hoje, porque eu também fui. Então eu conheço esse processo, esse negócio do “salvador da pátria”, “revolução”... A “Educação Física revolucionária”, palavras ao vento. Eu sei, porque eu fui assim. Então é relativamente fácil, eu tinha uma certa moral, porque eu fui preso político, então o pessoal... “Seguinte, aqui cada um fala o que quer”. Outra regra: “ninguém está aqui para ser elogiado, vamos dar de barato que todo mundo é muito inteligente, maravilhoso, aqui é para ser criticado, para aprender a criticar, aprender a receber crítica, a crítica não é pessoal é ao trabalho que você fez. Quando alguém critica o seu trabalho, não é você que está sendo criticado”. E aí a coisa foi andando e evidentemente eu acho que a minha contribuição foi trazer uma concepção de história muito atualizada em termos internacionais, puxar muito esse pessoal para contatos internacionais e abrir a cabeça deles. E a Educação Física, eu te confesso, é uma área muito difícil, hoje eu sei, muitas pessoas falam é uma área... Naquele momento as pessoas falavam “olha, você falou tal coisa”, “não falei”, “mas o outro disse...”, percebe? Era um ambiente acadêmico muito jovem e muito marcado por um jogo de poder fundado na fofoca, que é normal. Depois que eu li o Elias²⁹, “Os Estabelecidos e os Outsiders”, eu compreendo melhor como isso é um componente do jogo de poder. Mas nas áreas mais maduras como história que tem tradição e tal, o jogo não se dá... Se dá entorno da competência historiográfica do historiador, da respeitabilidade que ele adquire enquanto historiador, percebe? Aqui esse espaço eu imagino que ele tenha... eu percebi que ele foi se refluindo em benefício do espaço onde as questões em foco que definiam, eram justamente questões acadêmicas e de pesquisa. Não sei se eu consegui sintetizar?

²⁵ Edilson Fernandes de Souza.

²⁶ Dagmar Aparecida Cynthia França Huges.

²⁷ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

²⁸ Município do estado de São Paulo.

C.M. – Sim. Que época foi a criação do grupo?

A.G. – O grupo começou... Eu voltei do doutorado em 1984, ele começou 1985.

C.M. – E por que você disse que era difícil fazer um grupo só de história?

A.G. – Porque você não tinha... Olha, vou te confessar uma coisa, tudo que tinha próximo à história da Educação Física eu li em um mês. Não tinha quase nada. E eram basicamente trabalhos produzidos em Faculdades de Educação. Você não tinha mestrado em Educação Física. Tinha na Gama Filho, alguma produção. Mas eram trabalhos muito... Poucos. Me lembro do Vitor Marinho³⁰, por exemplo, trouxemos ele para cá. “O que é Educação Física”, ele passou o livrinho inteiro dizendo o que não é Educação Física [risos]. Então eu digo, essa é a grande discussão. Para construir a história da Educação Física, você tem que isolar a Educação Física, a história do esporte é outro objeto, a história do lazer é outro objeto. Evidente que esses objetos podem se cruzar no universo pedagógico da educação física escolar, você pode usar o lazer e o esporte como formas de intervenção pedagógica, esse seria o campo da educação física. A grande discussão na verdade foi essa e outra, dar liberdade, tanto é que do primeiro grupo... Dar liberdade para que cada um escolhesse a sua afinidade. Por exemplo, o Fernando era muito mais de políticas públicas, ele não é exatamente de... Até hoje, ele foi crescendo nessa área, hoje ele é uma referência em políticas públicas, esporte e lazer. O Pilatti, ele trabalhou muito mais com... Embora eu tinha uma forte veia Marxista Gramscianiana, eu já estava lendo o Elias, o Pilatti, por exemplo, o trabalho dele é todinho em cima do Weber³¹, percebe? O Leomar Tesche, um trabalho mais, digamos assim, mais voltado para as fontes. O Marcelo Proni³², mais próximo de uma abordagem Marxista Gramscianiana cultural. O Wanderley Marchi³³, em cima do Bourdieu³⁴. Se você observar esse grupo... O Ricardo Lucena³⁵ mais próximo do Elias. Eu não impus um autor, eu não impus a minha abordagem, a minha abordagem é

²⁹ Nobert Elias.

³⁰ Vitor Marinho de Oliveira.

³¹ Karl Emil Maximilian Weber.

³² Marcelo Weishaupt Proni.

³³ Wanderley Marchi Junior.

³⁴ Pierre Félix Bourdieu.

³⁵ Ricardo de Figueiredo Lucena.

minha. O grupo acabou se beneficiando dessas múltiplas raízes que eles mesmo fincaram por afinidade temática, entende? Acho que isso foi uma das razões que deu, pelo menos em um primeiro momento, porque hoje eles estão mais, cada um na sua, vamos dizer assim. Mas em um primeiro momento, eles se enriqueceram com a experiência do outro, além do que eu mandava fazer curso no IFCH, por exemplo, o Ricardo Antunes³⁶ era curso obrigatório. Bourdieu, Marx, vai para lá. Sobre o Elias, eu e DeDecca demos o primeiro curso aqui juntos. O Edgar DeDecca, em cima do Elias, um curso monográfico, trabalhando com Sociedade de Cortes e tal. Então, se você observar os primeiro anais do encontro³⁷ tem muito projeto ali, percebe? E naquela época, começo de carreira, você precisa ganhar dinheiro... Está educando filho, fazendo casa, pagando geladeira... Eu dava muito curso de especialização. E os cursos que eu dava todos voltados para montagem de projeto. Especialização é montar projeto. Eu dava curso para muita gente de Santo André³⁸, que se envolveu com isso, de Ponta Grossa³⁹... Nossa, o que eu dei de curso lá, foram anos de curso. Acho que eu tenho mais orientando em Ponta Grossa do que em qualquer cidade do Brasil. Eu devo ter mais de dez orientandos de Ponta Grossa, entre mestrado e doutorado.

C.M. – Nessa época final da década de 1980 e início de 1990, você sabia de outros pesquisadores pelo país que estavam fazendo pesquisa histórica na Educação Física?

A.G. – Olha, sim. Esses eventos permitiam isso, você convidava as pessoas, se aproximava...

C.M. – Essas especializações?

A.G. – Esses encontros.

C.M. – O encontro.

³⁶ Ricardo Luiz Coltro Antunes.

³⁷ Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, atualmente o evento chama Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física.

³⁸ Município do estado de São Paulo.

A.G. – Sim, o Encontro. Mas as especializações também, porque na verdade quem optava fazer, estava começando na Educação Física. Então eles tinham interesse em se aproximar. Minha capacidade de orientar é muito grande, se você olhar meu *Lattes* você não vai acreditar, mas não dava para absorver todo mundo, tem gente que não gosta de mim, com razão, porque eu não aceitei. Alguns eu falava, “não dá para continuar no doutorado”, porque é humanamente impossível, a partir de um certo número, trabalhar. Eu corri muito risco, eu tenho consciência disso. Eu orientei muita gente. No estado de São Paulo nessa área eu era o único doutor, no estado de São Paulo, que é onde caía tudo. Você percebe? Depois... Veja, só para você ter uma idéia, o João Freire⁴⁰, o Wagner Wey Moreira, o Lino⁴¹, eram mestres ainda. Eles não podiam, na UNICAMP mestre não entra em Programa de Pós-Graduação, entra só em curso de Especialização, mas não pode orientar. Então quer dizer, esse pessoal que depois veio, deu uma amplitude muito maior, porque eu ao invés de ter dez orientandos... Você multiplica isso pelo número... Aí entra o Marcelino⁴², entra o Bramante⁴³ que vem do exterior com doutorado, a Beatriz⁴⁴ que vem do exterior com doutorado. A gente foi contratando e agregando gente. Aí sim a coisa potencializou, meus próprios orientandos. A Heloísa Turini Bruhns, por exemplo, que termina o doutorado na Educação na área de lazer. Quer dizer, e vão potencializando, a gente consegue manter com esses encontros um entrecruzamento de orientandos e isso acho que é um fator que deu dinamismo. Pessoas, por exemplo, uma pesquisadora como a Carminha⁴⁵ se aproxima, e olha o dinamismo dela. O grupo quando ela se aproxima o grupo dela se aproxima também. Não é que não tem tensão nisso, com um volume desse aí, todo mundo na universidade se acha um máximo. Então o conflito de egos é brutal, mas isso é fácil de administrar. É uma questão de momento da vida, o ego acaba, o ego desse tipo aí acaba daqui a pouco, a pessoa não é a mesma todos os dias, todos os dias as pessoas tem vitórias e derrotas. O importante é manter essas pessoas próximas. Ainda que elas tenham opiniões completamente diferentes, ainda até que elas não se gostem. Porque o que está em jogo não é a pessoa, é a produção das pessoas. Talvez eu possa ter contribuído

³⁹ Município do estado do Paraná.

⁴⁰ João Batista Freire da Silva.

⁴¹ Lino Castellni Filho.

⁴² Nelson Carvalho Marcelino.

⁴³ Antônio Carlos Bramante.

⁴⁴ Maria Beatriz Rocha Ferreira.

⁴⁵ Carmen Lúcia Soares.

muito por que eu trouxe uma experiência da história, a história é uma área academicamente muito antiga. A Educação Física é muito nova. A História precede a universidade, na história do mundo, a história precede a universidade. A Educação Física se constitui como uma área de saber dentro da universidade. Então é uma área que ela tem um tipo de percepção diferente. Eu acho que eu contribui muito porque eu tinha essa mescla, eu percebia claramente, a Educação Física me ajudou muito a ser mais historiador, para escrever é um pé, historiador é ele sozinho, é ele que interpreta, tudo detalhado. “Não pode escrever rápido, você tem que...”, aqui é [som de mãos batendo]. Então essa velocidade, esse dinamismo da educação física, se somou a maneira de ser do historiador. Eu acho que isso foi um componente, acho que isso é uma hipótese boa para você pensar, uma hipótese boa. Como eu disse, tudo que eu estou falando aqui é interpretação, eu não defenderia esses pontos, eu teria que fazer o que você está fazendo, submeter essas hipóteses à tortura da pesquisa. Mas eu acho que meu papel aqui não é esse, é te passar minha percepção desses acontecimentos.

C.M. – Além desses pesquisadores mais da área social os outros professores da Faculdade de Educação Física tinham uma aceitação sobre esse grupo? Tinha disciplina dentro do currículo que contemplava essas questões?

A.G. – Tinha, tinha. Tinha História da Educação Física e do Esporte no Brasil e História Geral da Educação Física e do Esporte. No começo era o Lino que dava as duas e eu dava Metodologia de pesquisa que eu estava muito mais... Que eu tinha que responder a um conjunto grande de pessoas que queriam, inclusive colegas, montar projeto. Quando evoluiu mais, até conversei no Departamento, o Lino concordou em me passar uma das Histórias, ele ficaria com outra. Agora também é o seguinte, a gente... Para você ter uma ideia, a gente era muito forte aqui. Eu no mesmo momento fui representante de área no CNPQ⁴⁶ e na CAPES⁴⁷, eu estava com a faca e o queijo na mão, entende? Eu era coordenador de Pós e virei diretor, quer dizer, a trombada ia ser grande. Uma das razões que eu sai da FEF⁴⁸, eu sai, é que eu exercia uma liderança tão forte aqui que eu acabaria... Tinha muita gente com razão querendo me pegar pelo pescoço. E muita gente com razão,

⁴⁶ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

⁴⁷ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

⁴⁸ Faculdade de Educação Física – Unicamp.

querendo me dando beijo também. Agora, quando terminou minha direção eu me aposentei, não fiz titular⁴⁹, dificilmente aí quem fez titular tem currículo melhor. Eu não estou sendo arrogante não, é um vale de realidade, é só conferir. Mas, eu tinha uma posição muito forte, o que implicava que a nossa área, não dava pra dar trombada. Quando eu terminei a direção eu tinha um período de Licença Prêmio, eu falei “terminando isso aqui estou fora”. Porque eu atrapalharia as pessoas, não há como você deixar de ser o que você foi, porque você é o que você foi também. Então eu optei... Tanto assim que você vê que as pessoas... depois que eu formei os orientando que eu tinha naquele período houve um corte, as pessoas... tem orientando de orientando meu, pessoas que sempre quiseram me conhecer... Eu realmente me afastei.

C.M. – E professor, antes do encontro ainda, como circulava a história da educação física? Havia algum outro tipo de encontro? Eventos mais gerais da área? Revistas mais gerais?

A.G. – Olha, eu sei que tinha dentro do CBCE⁵⁰. Havia... Para concorrer com o CBCE a Ana Maria Pellegrine criou a Sociedade Brasileira de História da Educação com congresso em Rio Claro. Eu apresentei alguns trabalhos lá, mas não tinha... Tinha trabalhos de historiadores mais ou menos, sem demérito, mais ou menos, sem formação histórica consolidada. E tinha trabalhos surgindo de jovens pesquisadores que faziam o mestrado na Educação sobre temas de história na Educação Física. Inclusive um colega meu de graduação, eu fui da banca dele, do mestrado dele, o Medina⁵¹. Do trabalho do Lino, do trabalho da Carminha. Tem um grupo grande... Um grupo grande é exagero [risos], um grupo de jovens que estavam se construindo enquanto historiadores mais, vamos dizer assim, metodologicamente mais estruturados. Agora também não quero jogar confete. Há evidentemente nesse grupo de jovens aqueles que deram continuidade à uma postura de historiador e aqueles que optaram por áreas paralelas, tipo Políticas Públicas ou mesmo... Que não era exatamente História. História é outra coisa. Mas isso é percepção, acho que isso é um campo importante que vocês vão ter que... Nessa eu lembro que uma parte... Eu já estava montando no grupo com o primeiro mestrado já defendido uma linha de análise historiográfica. É o trabalho do Verter Paes Cavalcanti pouquíssimo conhecido, porque ele

⁴⁹ Concurso para titular.

⁵⁰ Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte.

⁵¹ João Paulo Subirá Medina.

foi defendido no Mestrado de Educação da UNIMEP⁵², ele era professor da Universidade Federal de Alagoas e é justamente uma análise da historiografia precedente. Acho que é uma coisa que você precisaria ler.

C.M. – Ontem no congresso o senhor comentou da necessidade de incentivar uma cultura da escrita, queria que você falasse um pouco mais. Porque nesse momento do primeiro encontro, anterior ao primeiro encontro... Como você percebeu isso?

A.G. – É o seguinte, você tinha faculdades de Educação Física sendo construída em ambientes de escola particular. A Faculdade de Educação Física que eu fiz em uma Universidade de respeito, PUC, eu li um livro que eu te falei, oitenta páginas. O curso eram sequências pedagógicas de arremesso de peso, essas coisas... E a maioria dos cursos era assim. Quer dizer, o profissional formado em faculdades de Educação Física, ele praticamente não tinha leitura, muito menos sabia escrever em um padrão acadêmico. Aí tem uma exceção, a Universidade de São Paulo, que você tinha um volume de candidatos por vaga que dava uma selecionada brutal... Selecionava alunos de muito boa qualidade. Aqui na FEF na UNICAMP, os alunos falavam inglês, porque entrar em uma universidade dessa não é fácil. Então você tinha um aluno muito bom em relação à média nacional, aluno de graduação, muito forte. Você tinha um grupo de profissionais voltando no exterior. Eu vim da Inglaterra, a Bia⁵³ veio da Universidade do Texas e foi orientanda do Malina⁵⁴. O Bramante veio da universidade de..., esqueci, uma norte americana muito bem conceituada. De imediato que eu estou lembrando, três na área. O Marcelino tinha feito o doutorado com o Ruben Alves⁵⁵ na Educação. Quer dizer, você tinha uma diversidade de formações fora da Educação Física em áreas onde você escrevia muito. O graduando de Educação Física escrevia pouco e muito mal, com exceção dessa elite pequena de alunos de universidades pública, USP e UNICAMP especialmente. O que acontecia que é facilmente perceptível, é que mesmo os colegas que eram docentes aqui escreviam mal. A primeira geração... Eu falei, “não, o problema é o seguinte, nessa área nossa escrever é fundamental”. Porque você pega numa área aí de fisiologia o cara faz a pesquisa ele vira

⁵² Universidade Metodista de Piracicaba.

⁵³ Maria Beatriz Rocha Ferreira.

⁵⁴ Robert M. Malina.

⁵⁵ Rubens Azevedo Alves.

para você e fala “to escrevendo”. Ele está terminando a tese, ele pega e escreve um relatório da pesquisa. Na nossa área não, você constrói o tema na medida que você elabora um texto, um outro texto... Então escrever para a área de ciências sociais é vital. Já diria o velho Marx, falando sobre o método dele: você tem um método de pesquisa e um método de exposição. O método de exposição implica em escrever, não tem como expor se eu não escrever. Então eu acho que esse cruzamento do historiador com o professor de Educação Física ajudou a enxergar isso com muita nitidez. O profissional de Educação Física tem muita liderança, se expressa verbalmente, discute, tem posições mais [batida na mesa], digamos assim, ele acredita mais nas verdades. O historiador não, ele elabora, é mais desconfiado, e nessa mescla, de usar o impulso que o educador físico tem para fazer as coisas e a tradição do historiador para expor com cuidado, para falar uma palavra. Você nunca diz “é”, você vai dizer “é possível admitir...”, é diferente. E essas coisas... Os seminários que eu fazia com os orientandos era isso: escreve, agora todo mundo lê, agora não precisa elogiar, todo mundo aqui é lindo, agora o seguinte [bate na mesa].

C.M. – Por que foi criado o encontro?

A.G. – O encontro foi realmente o que eu relatei ontem, essa primeira leva... Saiu uma leva, estava saindo outra e estava dispersando. Então é um jeito da gente voltar a se ver, inclusive estimular a continuidade do trabalho. Dos cinquenta textos do primeiro encontro, trinta e um, trinta e quatro eram de ex-orientandos ou orientandos meus. Era essa a preocupação. A coisa começou a se tornar um pólo aglutinador.

C.M. – A partir do encontro você viu outros referenciais, ou até mesmo fora do encontro, outros referenciais e metodologias entrando na História da Educação Física? Quais?

A.G. – Eu não sou a pessoa, hoje, indicada para te responder. Eu posso te responder do que eu participei. Primeiro participei fortemente da quebra do Marxismo ortodoxo que era predominante na Educação Física, introduzindo algumas críticas, um pouco de Gramsci, Schaff, aquela geração que teve que fugir da Hungria, Tchecoslováquia que escreve na Europa, um pouco esses texto para “olha gente, olha aí, olha aqui”. Você viu que o que foi

diretor aqui, agora é chefe de gabinete, o Cezinha⁵⁶ falou “também tinha que ler o Adam Shaff, ‘História e Verdade’ do Adam Schaff”. Quebrar um pouco aquela rigidez do Marxismo ortodoxo que é a forma mais simplificada de absorver, que era um componente muito forte dessa jovem geração de historiadores que estava nascendo nas faculdades de Educação, onde ainda o Marxismo ortodoxo é muito forte. Não quer dizer que está errado, é que é uma tendência, tem que ver outras. Eu participei da introdução de autores novos, por exemplo, o Weber. Porque internacionalmente já tinham autores que trabalhavam com História do Esporte e que trabalhavam com Weber, percebe? Agora eu esqueci os nomes, eu até comprava os livros desse povo, lia, tinha tudo em inglês esses caras aí. Acho que fui muito significativo na entrada do Elias e do Dunning⁵⁷ no Brasil, também na utilização do Bourdieu. Se você ver um congresso do Rio de Janeiro eu já fiz um texto lá, “Elias e Bourdieu na História do Esporte e do Lazer”. No terceiro encontro em Ponta Grossa eu trabalhei um texto, que eu ainda não conhecia o Elias, “o tempo como referência teórica”. Ali você já tem, digamos assim, uma abordagem de um Marxismo mais cor-de-rosa e mais aberto, estabelecendo um critério teórico para você pensar a esportivização, o esporte. Eu participei disso, agora eu não posso... Como eu não estou mais me alimentando, vivendo e respirando essa área, eu não teria meios de te dar uma resposta posterior ao período que eu participei.

C.M. – Na sua trajetória de historiador da Educação Física e Esporte, como você viu ou vê os lugares de memória? Os Museus, os Arquivos e essa busca de dados ou a utilização desses espaços?

A.G. – É muito complicado, pois você está falando com um historiador que conhece Museus e Arquivos no mundo inteiro. Mundo inteiro é absurdamente exagerado, mas eu fiz meu doutorado dentro do “The Public Record Office”, do Ministério das Relações Exteriores da Inglaterra. Trabalhei na Biblioteca, na “British Library” que naquela época era dentro do Museu Britânico, agora é um prédio a parte em Euston⁵⁸, imensa. Quer dizer... É uma resposta muito longa, muito complexa que eu não estou preparado para te responder com propriedade. Mas uma coisa é óbvia, sem esses lugares de memória você

⁵⁶ Nome sujeito a confirmação.

⁵⁷ Eric Dunning.

⁵⁸ Euston, Londres.

não tem memória, isso é óbvio. É a biblioteca, o banco de dados, são os arquivos, são os museus. Se você não tem os lugares de memória, você não tem memória.

C.M. – E você acompanhou de alguma forma a criação desses Centros de Memória da Educação Física nas universidades?

A.G. – Eu me lembro bem da Federal do Rio Grande do Sul, por que... Inclusive acho que eu contribui com algumas coisas, doei e tal. Mas assim, me parece que eu não acompanhei, porque a iniciativa foi depois se multiplicando. Houve um primeiro momento, logo que eu estava entrando aqui que tentaram fazer, quando o Tubino⁵⁹ era o chefe em Brasília, mas era um negócio totalmente... Uma bibliotecária da Federal de Minas tentou fazer Centro Integrado de Dados, mas o que ela estava fazendo... O Tubino deu um computador para cada faculdade... Na hora que ele terminou de explicar eu falei “gente, não precisa, no Canadá já tem é só entrar, você tem o mundo inteiro ...”, “como assim?” [risos]. Tinha um pesquisador do Rio Grande do Sul o De Rose⁶⁰, ele falou “pois é, não precisa, o que nós estamos fazendo já está feito”. Cada um pegou um computador e trouxe para a universidade, computador era uma grande novidade [risos]. Mas eu não acompanhei não, eu acompanhei um pouco do Rio Grande do Sul.

C.M. – O que você lembra do Rio Grande do Sul?

A.G. – Eu lembro que me pediram as camisetas de evento, eu acho que acabei doando algumas que eu tinha. Acho que acabei doando também alguns anais que eles não tinham. Eu estou falando acho, porque eu não lembro, a minha memória é absurdamente circunstancial. Nessas coisas assim, eu realmente... Ontem eu fui surpreendido que houve um momento em que o Tony⁶¹ virou para mim “lembra que a gente fez uma vaquinha nós dois para pagar tal coisa que estava dando confusão?”, eu falei “não, não lembro” [risos].

C.M. – Então professor, tem mais alguma coisa que você gostaria de registrar sobre a sua trajetória?

⁵⁹ Manoel José Gomes Tubino.

⁶⁰ Eduardo De Rose.

⁶¹ Tony Honorato.

A.G. – Tem, é o seguinte, eu estou à disposição... O mais importante que você me mandar isso para ler é se você quiser fazer outras perguntas, reencontros, eu tenho muito prazer em poder ajudar. Sempre alertando que aqui eu estou fazendo um depoimento, então eu estou assuntando com a maior espontaneidade, inclusive se eu... As vezes eu analiso o que eu estou falando, eu penso assim “não, eu estou dando margem para o...”, mas eu não estou elaborando um texto acadêmico nessa fala. É lógico que é um texto de um profissional que analisa textos, então eu tenho esse jogo também. É só para dar um exemplo que pode interessar para vocês metodologicamente, quando eu fiz aquele livrinho “Conversas sobre Norbet Elias” que eu entrevistei o Johan Goudsblom, o Dunning e o Stephen Mennel, eu percebi que eles sabiam mais do que eu, sobre o tema que eu estava entrevistando, então na verdade eles conduziram, eu não os conduzi, eu percebi rápido isso, ai eu falei “deixa eles...”. No fundo eles começavam a fazer perguntas um para o outro, entende? Eles conviveram com o Elias. Depois eu editei, é uma maneira de você trabalhar a entrevista também, método de exposição. Eu coloquei umas perguntas no meio que eu não fiz, mas que deram sequencia aos textos, não fiz naquele momento, mas o diálogo passou a ser com o texto escrito. Eu tenho consciência disso, mas aqui eu estou falando e deixando esses espaços justamente para contestação. Agora desculpe eu não ter podido te responder sobre a questão da memória, é que realmente eu não me sinto a vontade, porque para ficar elucubrando, talvez se desligar e nós formos conversar e eu organizar meu pensamento em cima disso, primeiro me informar de como isto está no Brasil. Porque tem isso também, eu não sei como é que está.

C.M. – Mas está ótimo, muitíssimo obrigada pelo seu tempo e acho que a gente ainda vai conversar um pouquinho. E pelas coisas que eu queria aprofundar está ótimo.

A.G. – Foi um prazer.

C.M. – Obrigada.

[FINAL DA ENTREVISTA]